



HÉLIO FERVENZA

TEMPOS REVERSOS

TEMPOS REVERSOS

A noção de *reversão de tempo* tem aparecido em pesquisas acadêmicas em diferentes ramos da Física, da Matemática, da Biomedicina e de certas engenharias. Não prevê a sorte de viagens ao passado, nem mesmo o postulado filosófico do eterno retorno. Trabalha antes com a perspectiva de que se possa recriar, em laboratório, as condições que coincidiriam com o momento de engendramento de determinado fenômeno. Em tese, isso permitiria a recriação do instante preciso antes de as coisas começarem a desandar. Seria como um contrafluxo da chamada *obsolescência programada*: uma espécie de reinvenção ou reconfiguração das continuidades desejáveis. Em três novas séries de trabalhos, Hélio Ferverza (Santana do Livramento, 1963) aproxima-se dessa condição dos *tempos reversos*: uma alteração perceptiva do presente, que possa nos conduzir, ao menos hipoteticamente, de volta ao segundo antes da *perda*, do desvanecimento fatal. Obviamente, a operação, aqui, não é literal, mas metafórica. Preserva, porém, algo da dimensão utópica das experiências científicas.

Em uma das séries, objetos – que se assemelham, a um só tempo, aos sinais gráficos conhecidos por *colchetes* e a grandes réguas de acrílico, feito essas que se empregam nos escritórios de arquitetura – pretendem, à primeira vista, medir certas distâncias. Os números que vêm ali estampados, em uma transparência que resiste às opacidades cotidianas, assinalam antes as pontuações do tempo do que as fronteiras espaciais: datas significativas para a configuração do que entendemos por Brasil, começando pelos 1500, data de seu Achamento.

Em outra série, de caráter mais instalativo e performático, o artista apresenta quatro instrumentos em acrílico preto, ainda carregados, como as réguas, por sinais de pontuação. Esses *paus-de-chuva*, ao serem manipulados, produzem uma trilha sonora, de harmonia intuitiva e artesanal, ao mesmo tempo em que remetem ao esforço característico das ampulhetas. O gesto evoca o transcorrer do tempo cronológico, enquanto o som nos projeta no tempo climático: hora de chover. Sob o título *relógios: dias de areia; segundos de chuva*, as peças articulam-se a um vídeo, que faz, também ele, as vezes de ampulheta, com mãos que vão mudando de posição para deslizar porções de areia de uma para a outra.

A terceira série reúne uma série de impressões sobre papel de arroz. Essas composições recordam tanto a intensa experiência do artista com xilogravura quanto seu gosto pela incorporação de sinais próprios da escrita: além das chaves e colchetes, presentes nas duas outras séries de trabalhos, agora há também letras, palavras e expressões. Os sinais, dessa feita, expandem, se deformam, se invertem e se espelham. A leitura não se dá de imediato. Experimentamos, de fato, um mundo truncado. A rigorosa construção formal, combinada a heranças do conceitualismo, articula carimbos e espaços vazios. O texto se faz imagem, mas, por mais estranho que pareça, nunca deixa de ser texto.

Dizia Michel Butor que um muro, erguido pelo conhecimento, separa o que se vê do que se lê. Trabalhos que combinam texto e imagem ajudariam, segundo o poeta, a solapar esse muro. Dessa vez, colaboram também na empreitada – ainda que hipotética ou utópica – de *reversão do tempo*. Nenhuma nostalgia nessa operação. Hélio Ferverza convida antes a que se perceba o que perdemos e quando perdemos. Talvez algumas reversões sejam desejáveis, possíveis ou necessárias.

Eduardo Veras

Porto Alegre, outono de 2018

Eduardo Veras é crítico e historiador da arte

Professor do Instituto de Artes da UFRGS

Curador da exposição *Tempos reversos*.

TEMPOS REVERSOS

Abertura: 4 de maio de 2018, 19h.

Visitação: 7 de maio a 25 de agosto de 2018.

De segunda a sexta, das 13h às 18h.

Local: Galeria de Arte Mamute.